



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E  
BIOLÓGICAS**

**MARIANA PEREIRA DE SOUSA**

**ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS E ETNOBOTÂNICOS  
DAS PLANTAS UTILIZADAS DE FORMA MEDICINAL E  
MÁGICO-RELIGIOSA NA COMUNIDADE DE QUILOMBO  
DE SÃO FÉLIX - BA**

**Cruz das Almas- BA**

**2010**

**MARIANA PEREIRA DE SOUSA**

**ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS E ETNOBOTÂNICOS  
DAS PLANTAS UTILIZADAS DE FORMA MEDICINAL E  
MÁGICO-RELIGIOSA NA COMUNIDADE DE QUILOMBO  
DE SÃO FÉLIX - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado ao Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito à obtenção do título de Bacharel em Biologia.

Orientadora: Lidyane Yuriko Saleme Aona.

Co-orientadora: Rosy de Oliveira.

**Cruz das Almas- BA**

**2010**

## Ficha Catalográfica

**S725** Sousa, Mariana Pereira de.

Estudos antropológicos e etnobotânicos das plantas utilizadas de forma medicinal e mágico-religiosa na comunidade de Quilombo de São Félix-BA/ Mariana Pereira de Sousa. \_ Cruz das Almas - BA, 2010.

57 f.; il.

Orientador: Lidyanne Yuriko Saleme Aona.

Co-Orientadora: Rosy de Oliveira.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Área de Concentração: Ciências Biológicas.

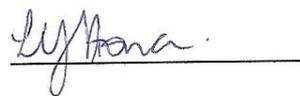
1. Etnobotânica – Bahia – São Félix.. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. II.Título.

CDD: **581.634**

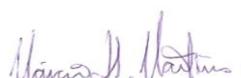
Cruz das Almas, 16 de dezembro de 2010

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Lidyanne Yuriko Saleme Aona (Orientadora)

Handwritten signature of Lidyanne Yuriko Saleme Aona in blue ink, written over a horizontal line.

Prof. MSc. Márcio Larceda Lopes Martins

Handwritten signature of Márcio Larceda Lopes Martins in blue ink.

Prof. MSc. Domingos Benício Oliveira Silva Cardoso

Handwritten signature of Domingos Benício Oliveira Silva Cardoso in blue ink.

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus, a meu pai, irmãs, familiares, namorado, amigos e a muitos outros que das mais diversas formas, me incentivaram e auxiliaram para que fosse possível a consolidação deste trabalho.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar a Deus, pois somente Ele esteve ao meu lado em todos os momentos, jamais me deixando cair e pela fé Nele depositada consegui alcançar meus objetivos.

Agradeço ao meu pai que, mesmo a maneira dele, sempre me incentivou a continuar lutando. Às minhas irmãs pela paciência nem sempre tão constante, mas presente quando necessária.

Ao meu namorado por estar sempre comigo, me dando força para continuar lutando.

Agradeço também aos meus amigos de todas as datas, aqueles que não se encontram mais tão presentes, mas que ainda assim me apoiaram em algum momento. Aos amigos sempre presentes e que estiveram ao meu lado nas mais diversas ocasiões.

À minha orientadora por ter acreditado em mim, ter tido muita paciência e ter me dado a oportunidade de descobrir com o que eu queria trabalhar. À minha co-orientadora que me mostrou uma nova forma de ver as relações entre as pessoas e que foi de fundamental importância na conclusão deste trabalho.

Agradeço também à todos os moradores do quilombo de São Félix, sem os quais seria impossível a realização deste trabalho.

Aos Mestres: Simone Fiuza e Márcio Lacerda Lopes Martins cuja colaboração foi de vital importância para a concretização deste trabalho.

Aos componentes da Banca examinadora

Agradeço também a todos que ajudaram na construção do primeiro curso de Ciências Biológicas da UFRB.

“Vivemos em uma época perigosa. O homem domina a natureza antes que tenha aprendido a dominar a si mesmo.”

(Albert Schweitzer)

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	IX
<b>Abstract</b> .....	X
<b>Lista de quadros e figuras</b> .....	XI
<b>1- INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2- REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	13
2.1- A etnobotânica.....	13
2.1.1- Desafios da medicina tradicional.....	17
<b>2.2- O Capim Dandá (<i>Cyperus rotundus</i> L.)</b> .....	18
2.2.1- Propagação e disseminação do <i>Cyperus rotundus</i> L.....	19
<b>2.3- O significado do quilombo</b> .....	21
<b>3- METODOLOGIA</b> .....	22
3.1- Área de estudo.....	22
3.2- Trabalho de campo.....	22
<b>4- RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	24
4.1- Dados socioeconômicos das famílias entrevistadas.....	24
4.2- Visitas à casa de Dona Nair (D. Reizinha).....	26
4.3- Visitas à casa de Dona Margarida Pinto (D. Lídia).....	28
4.4- Visitas a casa de Dona Norilda (Dona Nori).....	30
<b>4.5- A etnobotânica</b> .....	32
4.5.1-Famílias mais representativas.....	32
4.5.2-Etnobotânica qualitativa.....	41
4.5.2.1-Partes usadas e formas de uso das plantas.....	42
4.5.3- Família Asteraceae.....	44
4.5.4- Família Boraginaceae.....	45
<b>4.6- O Capim-Dandá (<i>C. rotundus</i>)</b> .....	46

<b>4.7- Além do Capim-Dandá existe outro problema para os agricultores: o gongo.....</b>	<b>49</b>
<b>4.8- O significado de Quilombo.....</b>	<b>50</b>
<b>5- CONCLUSÕES.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>52</b>

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma visão mais antropológica a cerca da etnobotânica e objetivou elaborar o levantamento das plantas utilizadas pela comunidade Quilombo de São Félix-Bahia e verificar a utilização dessas plantas (medicinal/mágico-religiosa). Para tanto, foram entrevistadas três famílias por serem consideradas referência dentro da comunidade. O trabalho de campo ocorreu entre os meses de setembro de 2009 e outubro de 2010 a partir de entrevistas semi-abertas com as famílias da comunidade. O material botânico foi herborizado, identificado e depositado no herbário da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Em Quilombo de São Félix, as plantas demonstraram ser uma fonte de recursos importante na sobrevivência, sendo o uso medicinal o mais citado. A gripe e doenças do sistema respiratório são as doenças mais combatidas e as folhas constituem a parte da planta mais utilizada, sendo o chá, a forma de preparo mais administrada. As espécies indicadas pelos informantes foram coletadas em quintais, roças e nas áreas de vegetação nativa. Foram coletadas 32 etnoespécies, sendo 77% delas relatadas como sendo de uso medicinal, 17% de uso mágico-religioso e 6% utilizadas de outras formas. As famílias mais representativas encontradas na Comunidade Quilombo foram Asteraceae (4 spp.) e Boraginaceae (3 spp.). Também foram apresentados conceitos históricos e antropológicos tais como: quilombo, trabalho, identidade, memória e mágico-religioso, conceitos estes de fundamental importância para a realização deste trabalho. O **Capim-Dandá** (*Cyperus rotundus* L.) foi espécie presente em todas as narrativas dos entrevistados, sendo considerada por estes uma praga. As explicações para seus efeitos sobre as mais variadas plantações seriam seus efeitos alelopáticos.

**Palavras-chave:** Etnobotânica. Quilombo. *Cyperus rotundus*.

## ABSTRACT

The present work provides an anthropological view about the ethnobotany and aimed to develop an ethnobotanical survey of plants used by the community Quilombo of São Félix, Bahia and to verify the medicinal / magical-religious use of these plants. To this end, three families were interviewed because they are considered reference within the community. The fieldwork took place between September 2009 and October 2010 by applying semi-open interviews with the families of the community. The collected material was identified and deposited in the botanical collection at the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). In Quilombo of São Félix, the plants proved to be an important source of survival being most cited the medical use. Influenza and diseases of the respiratory system diseases are the most challenged and the leaves are the used parts of the plant, and the tea, the most common way of preparation given. The species listed by the informants were collected in backyards, gardens and areas of native vegetation. 32 ethnospecies was collected, 77% of them reported as being for medical use, 17% magic-religious use, and 6% used other forms. Asteraceae (4 spp.) and Boraginaceae (3 spp.) were the most representative families found in the Quilombo Community. Also present historical and anthropological concepts of fundamental importance, such as maroons, work, identity, memory and magic-religious. **Capim-Dandá** (*Cyperus rotundus* L.) was present as a weed in all narratives of the interviewees. The explanations for the effects of **Capim-Dandá** on various plantations may be its allelopathic effects.

**Key Words:** Ethnobotany. Quilombo. *Cyperus rotundus*

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

- Quadro 1:** Listagem das plantas utilizadas como medicinais e/ou mágico-religiosas nomes populares, parte usada, modo de preparo e indicação citados pelos entrevistados da Comunidade de Quilombo, São Félix– BA. N C= número de coletor (Sousa, M. P. et al.)..... 36
- Figura 1:** Imagens da propriedade de D. Reizinha. A - Terras tomadas pelo Capim Dandá. B e C – Casa e quintal. D – Ruínas da antiga Casa de Engenho Sinunga.....28
- Figura 2:** Plantas utilizadas pelos moradores da Comunidade de Quilombo de São Félix- BA. A - São Gonçalinho (*Casearia sylvestris* Sw). B – Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F.)..... 30
- Figura 3:** Número de etnoespécies por famílias de plantas citadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA..... 33
- Figura 4:** Plantas utilizadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA. A - *Spermacoce verticillata* L. (Carqueja). B - *Cnidocolus urens* (L.) Arthur (Cansanção). C - *Jatropha gossypifolia* L (Pinhão Roxo). D - *Byrsonima* SP (Murici). E - *Argemone mexicana* L. (Carro Santo). F – Folha da Costa (*Kalanchoe brasiliensis* Cambess.)..... 35
- Figura 5:** Gráfico representando as partes das Plantas usadas pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA..... 42
- Figura 6:** Gráfico dos vários usos das plantas feitos pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA..... 43
- Figura 7:** Porcentagem do modo de preparo das plantas para os mais variados males citados pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA..... 43
- Figura 8:** Gráfico dos Sistemas do corpo humano que mais são tratados com plantas pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA..... 44
- Figura 9:** Plantas da família Asteraceae utilizadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA. A - *Centratherum punctatum* Cass. (Balaio de Véi). B - *Bidens pilosa* L. (Picão Preto). C - *Vernonia polyanthes* Less. (Assa Peixe Branco). D - *Acanthospermum hispidum* D.C. (Buticudo)..... 45

**Figura 10:** Plantas da família Boraginaceae utilizadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA. A - *Cordia superba* Cham. (Baba de Boi). B - *Cordia verbenacea* D.C. (Maria preta).....46

**Figura 11:** Fatores que afetam a agricultura da comunidade de Quilombo de São Félix-BA. A – Gongo na batata. B – Marcas do ataque do gongo no inhame. C – Família de D. Reizinha em um mutirão para descascar a mandioca..... 50

## 1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma visão mais antropológica a cerca da etnobotânica, diferindo, portanto, de outros trabalhos anteriormente realizados apenas sobre aspectos quantitativos do uso das plantas pelos mais variados povos do Brasil e do mundo. Os aspectos antropológicos<sup>1</sup> deste trabalho, especialmente os aspectos relacionados ao conceito de etnicidade, são de extrema relevância no entendimento da etnobotânica.

A etnicidade provoca ações e reações entre um determinado grupo e os outros em uma organização social que não cessa de evoluir, não sendo, portanto um conjunto atemporal, imutável de traços culturais tais como as crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez etc., transmitidos da mesma forma de geração para geração na história deste determinado grupo. O elemento central de revelação desta etnicidade se faz presente na comunidade Quilombo de São Félix e se estrutura pelas relações que a comunidade historicamente se desenvolveu e ainda se desenvolve com o **Capim-Dandá** (*Cyperus rotundus* L). Sendo assim conceitos históricos e antropológicos tais como: quilombo, trabalho, identidade, memória e mágico-religioso serão aqui apresentados.

No que se refere aos elementos mágicos é de se supor que deveriam ser aqui relatados os rituais de cura, visões advindas de outro mundo, enfim todo o misticismo que envolve os ritos. No entanto, é importante salientar, que magia é muito mais que isso, ou seja, ela está no fato de uma pessoa tomar um medicamento e acreditar que estará curada, sem esforços complementares; está na crença de que com atitudes mirabolantes e ingênuas encontrar-se-ia a resposta para todos os problemas envolvendo pragas em suas lavouras. Está em acreditar que uma planta pode ser a causa de todas as mazelas que acometem uma lavoura e que esta mesma planta seria útil como chá para dores, caso que se aplica a situação do Dandá na comunidade Quilombo de São Félix.

---

<sup>1</sup> Antropologia é a disciplina que se propõe a estudar a espécie humana enquanto ser biológico e social, e suas obras (Viertler 2001).

Nesse aspecto o pensamento mágico é entendido como uma congruência entre a fórmula e a classificação terapêutica cuja aplicação hipotética, mediada entre outras, lhes serve para agrupar coisas e seres e introduzir um princípio de ordem social no uso dos vegetais, por eles classificados como medicinais. Portanto, a classificação, qualquer que seja, possui uma virtude própria em relação à falta de classificação. Mesmo uma classificação no nível das propriedades sensíveis é uma etapa para uma ordem racional (Lévi-Strauss, 1970).

O uso das plantas quer seja ele medicinal, religioso ou mágico, tem sido estudado há muito tempo. Trabalhos realizados por vários autores tais como Almeida e Albuquerque (2002), Albuquerque e Lucena (2004), Badke (2008), Camargo (1998), dentre outros, ressaltam a importância de se estudar mais a fundo os vários usos das plantas. Dessa forma, a etnobotânica, ciência ligada à botânica e à antropologia, que estuda as interações entre populações autóctones (tradicionais) e recursos vegetais, também posiciona-se na interface entre natureza e cultura, recursos genéticos e conhecimento ecológico tradicional. Isso é recurso cultural, fonte de informação importante, que orienta e sustenta a manutenção, a continuidade de diferentes formas de interações entre pessoas, plantas e manejos de recursos naturais (Araujo, 2007).

Diante do exposto, objetivou-se elaborar o levantamento das plantas e sua utilização (medicinal / mágico-religiosa) pela comunidade Quilombo de São Félix. Além disso, buscou-se fornecer informações acerca da procedência (cultivo e/ou extrativismo em matas e/ou áreas ruderais) das espécies levantadas na comunidade, bem como identificar botanicamente as espécies coletadas, bem como identificar o elemento que revelasse a etnicidade do local.

## **2- REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1- A etnobotânica**

A Etnobotânica é um ramo da Etnobiologia<sup>2</sup> que estuda as relações existentes entre o ser humano e as plantas, buscando responder questões tais como: quais plantas estão disponíveis, quais plantas são reconhecidas como recursos, como o conhecimento etnobotânico está distribuído na população, como os indivíduos diferenciam e classificam a vegetação, como esta é manejada e quais os benefícios econômicos e financeiros derivados das plantas (Alcorn, 1995 *apud* Begossi et al. 2001).

O termo Etnobotânica foi inicialmente proposto por Harshberg em 1986, durante trabalhos realizados com tribos de índios norte-americanos. Estes utilizavam as plantas como alimento, abrigo e roupas. A partir disso Harshberg definiu a etnobotânica como o estudo de plantas usadas por povos primitivos e aborígenes. A expressão “botânica econômica” é, por vezes, usada como sinônimo, enfocando o uso de plantas pelo homem (Harshberg, 1986 *apud* Ming, 2007).

As relações entre os seres humanos e o reino vegetal são complexas e podem ser consideradas a partir de vários pontos de vista. Entre eles, a que é talvez a mais imediata e aparente, refere-se à dependência, direta ou indireta, do homem em relação às plantas para sobrevivência (Amoroso, 2002). Os trabalhos etnobotânicos surgem para melhor entender estas relações e suas diferentes perspectivas.

Pesquisas vêm sendo desenvolvidas sobre o aproveitamento dos recursos biológicos pelos povos de diferentes regiões e etnias, em especial enfocando o aspecto medicinal (Almeida e Albuquerque, 2002). Estes mesmos autores salientam a importância da realização de trabalhos acerca da etnobotânica principalmente no que se refere à conservação de vários biomas extremamente ameaçados pelo uso abusivo de seus recursos, como o da Caatinga (Almeida e Albuquerque, 2002; Albuquerque e Andrade, 2002).

---

<sup>2</sup>A Etnobiologia busca entender os processos de interação das populações humanas com os recursos naturais, com especial atenção à percepção, conhecimento e usos (incluindo manejo dos recursos). Ao tratar de diferentes comunidades em ambientes distintos, a Etnobiologia é particularista e relativista, no sentido de focalizar uma dada comunidade e seu ambiente, procurando compreender os processos de conhecimento e manejo dos recursos naturais. Assim, a Etnobiologia contribui para esclarecer diferenças culturais e analisar a diversidade ou heterogeneidade cultural (Begossi et al., 2001).

Além de fornecer dados para estudos que visem a conservação de vários biomas, os trabalhos etnobotânicos são de grande relevância no que diz respeito ao uso medicinal de diversas plantas uma vez que grande parte da população brasileira faz uso destas para aliviar ou mesmo curar algumas enfermidades, ainda que haja o incentivo da indústria farmacêutica para a utilização de medicamentos industrializados (Badke, 2008). De acordo com Nunes (2003) os elevados custos de produção dos medicamentos sintéticos, a existência de estudos científicos para alguns produtos fitoterápicos comprovando sua eficácia clínica e segurança, e a grande porcentagem da população mundial que não tem acesso aos medicamentos resultantes de síntese farmacológica estão dentre as razões do crescente interesse por terapias alternativas e o uso terapêutico de produtos naturais, especialmente os derivados de plantas.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO/OMS de 2010) a Medicina Tradicional (TM) refere-se aos conhecimentos, habilidades e práticas baseadas em teorias, crenças e experiências de diferentes culturas, utilizadas na manutenção da saúde e na prevenção, diagnóstico, melhora ou tratamento de doenças físicas e mentais. A medicina tradicional abrange uma ampla variedade de terapias e práticas que variam de região para região. Em alguns países, ela é referida como "alternativa" ou "medicina complementar (CAM).

Para Silva (2010) a importância do uso medicinal das espécies vegetais deve-se aos diferentes significados que as plantas medicinais assumem em nossa sociedade como um recurso biológico e cultural, destacando-se seu potencial genético para o desenvolvimento de novas drogas, possível fonte de recursos financeiros, através de sua comercialização, para o resgate e fortalecimento da identidade cultural e como acesso primário à saúde para muitas comunidades.

O uso dos medicamentos a base de vegetais constitui uma prática denominada de fitoterapia. Nesta prática são utilizadas ervas, materiais de ervas, as preparações de plantas medicinais e produtos acabados de ervas, que contêm ingredientes como partes ativas das plantas, ou outros materiais vegetais, ou combinações (WHO/OMS de 2010). Ainda de acordo com a WHO/OMS (2010) a atividade terapêutica destes fitoterápicos refere-se a

prevenção bem sucedida, o diagnóstico e o tratamento de doenças físicas e mentais, melhora dos sintomas das doenças, bem como a alteração benéfica ou regulamento do estado físico e mental do corpo.

Das várias espécies vegetais de importância medicinal, os pesquisadores, ao longo da história da farmacologia e da medicina, foram isolando compostos identificados como substâncias básicas para a síntese de centenas de substâncias ativas. Deste modo foram descobertos produtos como a morfina, a reserperina, a digoxina, o taxol dentre outros inúmeros compostos que alteraram a história médica (Di Stasi, 2007).

Os quintais dos praticantes da medicina popular em um povoado são especialmente ricos em flora medicinal, cultivada paralela às suas culturas de subsistência. Tais praticantes são grandes entendedores da serventia e da maneira como estas plantas devem ser utilizadas, cultivando muitas espécies diferentes que usam no preparo de seus remédios ou em suas rezas, destinadas tanto a cura de males físicos como espirituais. Quando carecem, procuram espécies em locais mais distantes, ou trazem mudas dessas regiões para cultivarem em seus quintais, contribuindo assim, para a propagação de espécies de seu interesse, inclusive em habitats diferentes (Silva, 2010). Assim, presume-se que foi com base no conhecimento empírico popular e daqueles originados nas comunidades tradicionais que se instituiu um corpo de conhecimento científico fundamental para a produção de grande parte dos medicamentos disponíveis no mercado, base da medicina moderna (Di Stasi, 2007).

A WHO/OMS (2010) cita que em alguns países da Ásia e da África, 80% da população dependem da medicina tradicional para cuidados de saúde primários e em muitos países desenvolvidos, 70% a 80% da população já fez uso de alguma forma de medicina complementar ou alternativa (acupuntura, por exemplo). Com isso, além de bastante populares, os tratamentos com plantas mostram que também são altamente lucrativos no mercado internacional. O faturamento anual na Europa Ocidental atingiu 5 bilhões de euros entre 2003 e 2004. Na China as vendas de produtos totalizaram 14 bilhões de euros em 2005. O faturamento de medicamentos fitoterápicos no Brasil foi 160 milhões de euros em 2007.

### 2.1.1-Desafios da medicina tradicional

De acordo com a WHO/OMS (2010) a medicina tradicional tem sido utilizada em algumas comunidades, há milhares de anos. Como as práticas de medicina tradicional são tomadas por novas populações, há grandes desafios. Dentre eles pode-se citar:

A disparidade Internacional: várias práticas de medicina tradicional foram adotadas em diferentes culturas e regiões, sem o avanço equivalente das normas internacionais e métodos de avaliação para o uso desta medicina.

A política nacional e a regulação: em muitos países não há políticas nacionais para a medicina tradicional, o que torna difícil a regulamentação de produtos, práticas e os profissionais que fazem uso deste tipo de medicina. Este fato deve-se às variações nas definições e categorizações das terapias da medicina tradicional, por exemplo, um único produto à base de plantas pode ser definido como qualquer alimento, um suplemento alimentar ou um medicamento à base de plantas, dependendo do país. Esta desigualdade de regulamentação a nível nacional gera conseqüências no acesso e distribuição internacional destes produtos.

Segurança, eficácia e qualidade: apesar de vários testes comprovarem a eficácia de alguns tratamentos como acupuntura, alguns fitoterápicos e terapias manuais em condições específicas, um estudo mais aprofundado destes produtos e práticas é necessário, pois os requisitos, métodos de investigação e de avaliação são complexos. Por exemplo, pode ser difícil avaliar a qualidade dos produtos à base de plantas. A segurança, eficiência e qualidade dos produtos fitoterápicos dependem da qualidade dos seus materiais de origem, que pode incluir centenas de constituintes naturais, e como os elementos são manipulados através de processos de produção.

Conhecimento e desenvolvimento sustentável: os materiais para os produtos fitoterápicos são recolhidos a partir de populações de plantas silvestres e plantas medicinais cultivadas. O mercado de produtos à base de plantas está em expansão podendo levar a um aumento na coleta de plantas

culminando em maiores ameaças a biodiversidade. Coletas e práticas de cultivo mal feitas podem levar à extinção espécies vegetais já ameaçadas além da destruição dos recursos naturais. Por tanto, esforços para preservar a vegetação e o conhecimento popular sobre seu uso para fins medicinais são extremamente necessários para sustentar a medicina tradicional.

Muitos acreditam que, o fato dos remédios serem à base de plantas, ou seja, naturais são seguros e incapazes de causar qualquer dano. No entanto, as medicinas tradicionais e práticas podem provocar efeitos nocivos, gerando reações adversas se o produto ou a terapia for de qualidade duvidosa, e no caso de ser administrado de forma inadequada ou em combinação com outros medicamentos. Uma maior conscientização do paciente sobre o uso seguro é de extrema importância.

## **2.2- O Capim-Dandá (*Cyperus rotundus* L.)**

A espécie de planta **Capim-Dandá** (*Cyperus rotundus* L.) é considerada neste trabalho o elemento de ligação entre todos os temas anteriormente abordados (medicinal, mágico-religioso), tendo sido citado por várias vezes e em diferentes momentos pelos integrantes das famílias que compõem a comunidade Quilombo de São Félix. Sendo assim faz-se necessário uma abordagem mais ampla dos problemas já citados por varias vezes em bibliografias que tem apresentado um maior entendimento sobre esta planta.

De acordo com Lorenzi (2000), a espécie *Cyperus rotundus* L. popularmente conhecida como: capim-dandá, tiririca, junça-aromática, capim-alho e tiririca-comum, é uma monocotiledônea pertencente à ordem Poales e a família Cyperaceae. Conforme Kissmannn (1997), esta família é caracterizada principalmente por possuir bainhas fechadas, caule triangular, não possuir cálice e corola, e por terem suas flores agrupadas em espiguetas, sendo cada flor guarnecida por apenas uma bráctea.

*Cyperus rotundus* é caracterizado por ser uma planta perene, herbácea, ereta, de caule triangulado, com rizomas e tubérculos, de 10-60 centímetros de altura, originária da Índia e disseminada em mais de 92 países. Propaga-se por

sementes e principalmente por tubérculos (Lorenzi, 2008). O **Capim-Dandá** é considerado por Lorenzi (2008) como uma planta daninha. Estas, para efeito de estudo, podem ser classificadas de várias maneiras, a depender do interesse. A mais comum é aquela fundamentada na duração de seu ciclo de vida e por isso, classifica-as como: plantas anuais, bianuais e perenes. A maioria das plantas infestantes das grandes culturas e aquelas que germinam completando seu ciclo até a maturação das sementes dentro da mesma estação de crescimento (60 a 140 dias) é considerada como espécies anuais. As espécies bianuais são assim caracterizadas, porque germinam e crescem até a formação de folhas em roseta no primeiro ano, completando o ciclo no próximo ano. Sendo o Brasil um país tropical, a incidência de espécies desse grupo é muito pequena (Lorenzi, 2008).

As espécies perenes são aquelas que vivem indefinidamente durante muitos anos. Em regiões muito frias ou muito secas, sua parte aérea pode até desaparecer durante o inverno ou durante o período seco. Apesar disso, sua parte subterrânea mantém-se intacta para reiniciar o crescimento tão logo voltem as condições ideais de temperatura e ou umidade. É neste grupo que se insere o **Capim-Dandá** (Lorenzi, 2000).

### 2.2.1- Propagação e disseminação do *Cyperus rotundus*

As plantas daninhas propagam-se basicamente por meios vegetativos sexuais e assexuais. A propagação vegetativa é exclusiva das espécies perenes, sendo efetuada por órgãos vegetativos que se adaptam para a propagação como rizomas, estolões, bulbos e tubérculos. Esta última forma de propagação é realizada pelo *C. rotundus*. Contudo, deve-se salientar que esta planta propaga-se também por meio de sementes. As sementes das plantas daninhas são disseminadas com extrema facilidade, principalmente pelo homem, pelos animais, pela água e pelo vento.

No entanto, para Lorenzi (2008) as plantas daninhas são possivelmente disseminadas de forma mais intensa por meio das sementes de culturas do que por qualquer outro meio. A agricultura brasileira possui vários exemplos que

comprovam este fato, cujos primeiros casos datam do período colonial, quando chegaram ao país as primeiras sementes agrícolas.

Muitas vezes, a disseminação destas plantas a partir de sementes agrícolas ocorre a despeito de todo o cuidado e rigor estabelecido por medidas legislativas. Em curtas distâncias podem ser levadas por meio de máquinas e implementos agrícolas bem como por meio das rodas de veículos. Também neste contexto, o **Capim-Dandá** (*C. rotundus*) é o melhor exemplo desta forma de disseminação (Lorenzi, 2008).

Lorenzi (2008) afirma que o *C. rotundus* pode ser largamente disseminado por meio das águas de irrigação, visto que estas são particularmente eficientes na disseminação de sementes e propágulos vegetativos de plantas daninhas, principalmente quando conduzidas por canais abertos.

O **Capim-Dandá** é a planta daninha considerada como a mais disseminada e mais nociva de todo o mundo (Lorenzi, 2008; Paixão et al., 1995; Kissmann, 1997). Ocorre nas lavouras do Brasil sendo encontrado em todos os tipos de solos, climas e culturas, excetuando-se as lavouras de arroz inundado (Lorenzi, 2008). O **Capim-Dandá** é também considerado como uma planta invasora bastante agressiva e extremamente competitiva no que se refere aos fatores de crescimento, principalmente nutrientes sendo considerada, portanto, como uma das mais problemáticas espécies daninhas existentes (Paixão et al., 1995; Kissmann, 1997). Além desse dilema, da competitividade inerente a presença desta planta, ela também exerce um efeito alelopático sobre a brotação de algumas culturas (Lorenzi, 2008). Sabemos que a formação de toxinas liberadas pelo **Capim-Dandá** ocorre principalmente nos tubérculos e são liberadas mais intensamente durante a decomposição dos mesmos. Parcialmente são adsorvidas por calóides no solo e por isso, o efeito alelopático ocorre de forma mais intensa em solos com menores capacidades de adsorção (Kissmann, 1997). Ainda segundo este mesmo autor além de sua ampla distribuição, grande poder de competição e agressividade, esta planta também é de difícil controle e erradicação, sendo indicada em mais de cem países como problema e declarada por muitos deles como uma “praga

nacional”. No caso da comunidade Quilombo de São Félix esta planta se apresenta como uma “praga territorial local”.

Apesar de todos os problemas, conforme assinala Kissmann (1997), o **Capim-Dandá** afeta positivamente o solo, ajudando em sua fixação, principalmente em regiões inóspitas para outras espécies vegetais. Seus tubérculos já foram muito usados medicinalmente por vários povos, desde os tempos da Idade da Pedra<sup>3</sup>.

### 2.3- O significado do Quilombo

A formação de grupos de escravos fugitivos se deu em toda parte no Novo Mundo onde houve escravidão. No Brasil, esses grupos foram chamados de quilombos ou de mocambos. Alguns conseguiram reunir centenas de pessoas, um bom exemplo disto foi o grande quilombo dos Palmares, que continha uma população de alguns milhares de pessoas (Reis, 2009).

Contudo, não bastava ser livre, era preciso parecer livre, um desafio para os negros nascidos livres ou que recebiam alforria na segunda metade do século XIX. Para abrir caminho naquela sociedade exigente, competitiva e racista e se fazerem aceitos ou, ao menos, tolerados, eles precisaram construir a sua imagem a partir de comportamentos típicos dos que se eram considerados brancos (Koutsoukos, 2009).

Na Bahia as centenas de comunidades negras rurais, muitas delas espalhadas por todo o estado são resquícios do processo da escravidão e do pós-abolição, decadência dos engenhos de exploração da cana-de-açúcar no interior da Bahia.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Durante o trabalho de campo nos foi apresentado um relato por uma das informantes de uso positivo desta planta manejado em forma de chá para fins de cura, no entanto, o vegetal utilizado pela moradora da comunidade não possui correspondência científica com o **Capim-Dandá** (*Cyperus rotundus*).

<sup>4</sup> Conforme Filme documentário: Quilombos da Bahia (Antonio Olavo, 2004).

### **3 – METODOLOGIA**

A análise das informações obtidas neste trabalho ocorreu de forma tal, a levar em consideração todo o conhecimento empírico das pessoas, seja para retificar este conhecimento ou mesmo para desconstruí-lo. Sendo assim, nada aqui foi desprezado, todo e qualquer dado fornecido pelo entrevistado foi cuidadosamente analisado.

#### **3.1- Área de estudo**

A comunidade estudada localiza-se na área do antigo engenho de Sinunga, historicamente conhecida por Quilombo de São Félix cujo terreno constitui-se de áreas íngremes, com superfícies e elevações de serras, pequenos rios e lavouras realçadas pelo cultivo de mandiocas, inhame, laranjais, jacas e demais vegetais nativos e/ou introduzidos na região.

#### **3.2- Trabalho de campo**

Foram entrevistadas três<sup>5</sup> famílias por serem consideradas pontos de referência para se chegar à comunidade<sup>6</sup>. Estas famílias nos foram apresentadas inicialmente por estudantes do curso de História do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHAL) da UFRB que já faziam trabalhos na comunidade, mas que infelizmente não deram continuidade a seus trabalhos.

O trabalho de campo ocorreu entre os meses de setembro de 2009 a outubro de 2010 nas residências das famílias onde realizamos entrevistas e levantamento etnobotânico das plantas utilizadas pelas famílias da comunidade. Posteriormente estendemos as entrevistas semi-abertas com as famílias de Dona Reizinha, Dona Lídia e Dona Nori. O método utilizado para a

---

<sup>5</sup> Família de Dona Nair Queiroz (D. Reizinha), Dona Margarida Pinto (D. Lídia) e Dona Norilda da Silva (D. Nori).

<sup>6</sup> Estas famílias também foram escolhidas por sua importância retratada no filme documentário Quilombos da Bahia, já citado anteriormente.

obtenção dos dados foram as entrevistas, que segundo Viertler (2001), permite uma relação de comunicação mais equilibrada entre a visão êmica e ética<sup>7</sup>. Antes do início das entrevistas foi necessária a nossa apresentação e a justificativa da nossa presença na comunidade para evitar, segundo Viertler (2001) que fossemos confundidos com autoridades. Em outros termos personalidades cujas histórias de relacionamento anteriores à nossa chegada em campo tenham sido ruins. Entre os vários tipos de entrevistas organizadas e empregadas na comunidade, destacamos a parcialmente estruturada, na qual alguns tópicos foram fixados enquanto outros foram redefinidos conforme o andamento das entrevistas, visando canalizar o diálogo para as questões a serem investigadas, especialmente a concepção do grupo sobre o *Cyperus rotundus*, que neste contexto surgiu como o elemento da etnicidade da comunidade de Quilombo de São Félix.

Contemplou-se assim o levantamento sociológico de informações populares sobre o uso das plantas medicinais e mágico-religioso. A escolha desse levantamento sociológico como parte da metodologia presente nas entrevistas semi-estruturadas deste trabalho deveu-se ao fato de ampliar as possibilidades de estudar não só o conhecimento dos entrevistados sobre as plantas, mas também os aspectos sócio-culturais que contextualizam o saber dos indivíduos que as utilizam visto que, parafraseando Carrara (1998), o uso dos recursos vegetais está intrinsecamente relacionado com o saber popular, com a dimensão de um meio cultural onde se estabelece uma íntima relação com a natureza.

Os dados aqui descritos e sistematizados estão contidos no diário de campo, ação indispensável nos métodos etnográficos da antropologia. Neste diário foram anotadas desde as observações feitas a partir da pesquisa-ação até as impressões subjetivas observadas com relação a fatos ocorridos na comunidade em questão.

Os moradores nos mostraram quais eram as plantas que eles utilizavam e utilizam e como são por eles selecionadas e classificadas. Em seguida realizava-se a coleta, sempre com a permissão do morador. A identificação

---

<sup>7</sup> Êmica corresponde à visão da pessoa a ser pesquisada enquanto que a visão ética corresponde a do pesquisador.

botânica das plantas selecionadas para estudo foi feita a partir de bibliografias específicas tais como Souza e Lorenzi (2005) e APG III, bem como com o auxílio de taxonomistas da própria universidade, suas exsicatas foram depositadas no herbário da UFRB. As plantas não coletadas imediatamente foram fotografadas para posterior coleta, além disso, as mesmas tiveram suas características anotadas para facilitar sua posterior identificação. Neste levantamento foram relatadas as várias formas de se utilizar as plantas e com base nisto, foram também determinadas quais delas teriam, segundo os moradores da comunidade, uso medicinal e/ou mágico-religioso.

## **4 - RESULTADO E DISCUSSÃO**

### **4.1- Dados socioeconômicos das famílias entrevistadas**

Dona Nair, popularmente conhecida como D. Reizinha, 79 anos, nossa primeira informante, mãe de cinco filhos mostrou-se ser a base estrutural do grupo doméstico desta comunidade. Sua influência na comunidade é reconhecida por todos quer sejam seus familiares quer sejam moradores da comunidade. Seu filho mais velho, o Antônio da Silva Fernandes, 56 anos também se mostrou um grande conhecedor e amante dos recursos vegetais da comunidade. Por isso, o consideramos raizeiro<sup>8</sup> da localidade. Além dessas referências a comunidade também se beneficia da sabedoria de D. Lídia, 70 anos, mãe de quatro filhos, casada com Seu Antônio apelidado pelos moradores de “Seu Tico”. Dona Margarida, mais conhecida como D. Lídia é popularmente conhecida na comunidade como uma rezadeira<sup>9</sup>. Famosa pela prática dos vários usos das plantas se revelou extremamente católica ao mesmo tempo em que suas explicações acerca do uso das plantas, mais

---

<sup>8</sup>Os raizeiros, de acordo com Camargo (1998) seriam aqueles que apesar de não benzerem nem rezarem são detentores de grande conhecimento acerca do uso medicinal das plantas, indicando-as para a cura de diferentes doenças, além de advertir aqueles que os procuram dos males que podem causar as plantas se mal empregadas e dosadas.

<sup>9</sup>Figura que ocupa o lugar social no caso de ausência das representações públicas do Estado: Padres, pastores e até mesmo médicos.

precisamente da coleta destas, se fez por meio de um manto de misticismo. Para cada planta havia uma forma de se realizar a extração das partes destinadas ao consumo e do preparo destas.

Dona Norilda, popularmente conhecida como D. Nori, apesar de ser a mais nova das entrevistadas com apenas 49 anos e cinco filhos, sendo dois homens e três mulheres, se orgulha pelo fato de dois destes cursarem o nível superior. Ela também se apresenta como uma informante de extrema relevância nesta pesquisa, primeiro por complementar as informações cedidas por D. Lídia, segundo por nos revelar detalhes que talvez houvessem passado despercebidos por nós no processo da pesquisa, uma vez que algumas informações permaneceram em segredo por algumas das informantes, como por exemplo, D. Lídia. Este evento, o segredo, talvez tenha explicação nos costumes locais, nos quais as informações utilizadas em rituais de cura por rezadeiras são passados apenas para pessoas de extrema confiança em uma cerimônia.

No entanto, apesar de existir posto de saúde, o uso de medicamentos naturais foi relatado por todos os entrevistados. Segundo depoimento de um dos entrevistados: “a gente não tem que ir só pra medicina pra conseguir remédio... quando eles (os filhos) estavam gripados eu dava o **Carro Santo** (*Argemone mexicana* L.)”. A explicação para isso seriam os altos custos dos medicamentos tradicionais e o acesso mais fácil à plantas com propriedades consideradas por estes moradores como medicinais cujo o uso e aplicação já havia sido transmitido pelos mais velhos.

A economia local é basicamente agricultura de subsistência, com predomínio de plantações de mandioca, inhame e aipim. Em algumas poucas casas existe a casa de farinha, local onde ocorre a fabricação de farinha e seus derivados, como por exemplo, o beiju. Após a colheita da mandioca, forma-se um mutirão composto pelos integrantes das famílias produtora de mandioca, cada família tem o seu lote de mandioca a ser descascado. Contudo, o uso do forno é compartilhado. Os sacos de farinha provenientes de cada lote são recolhidos e distribuídos de acordo com os lotes de mandioca anteriormente separados por família. Cada saco de farinha é vendido na feira da cidade por

cerca de trinta reais. O restante da produção é utilizado como alimento pelos moradores.

O recurso analítico que subsidia a investigação acerca da identidade e dos elementos definidores da etnicidade do grupo, ou seja, os níveis de pertencimento dos membros que compõem esta comunidade Quilombo de São Félix se fez a partir do entendimento dos sinais diacríticos e políticos selecionados por eles no interior da própria comunidade. Dessa forma, o conceito de comunidade definido pelas narrativas dos indivíduos que compõem essa comunidade, só pôde ser assimilado a partir da relação desse grupo com o “outro” grupo de famílias que afirma seu pertencimento à comunidade do Otero de São Félix, em relação às terras do Engenho de Sinunga<sup>10</sup>.

#### 4.2- visitas à casa de Dona Nair (D. Reizinha)

D. Reizinha nos contou um pouco sobre sua vida. Relembrou do tempo em que era mais jovem, do quanto conseguia produzir em suas terras, das grandes quantidades de laranja que colhia dos vários pés lá existentes, além disso havia muita cana-de-açúcar, inhame e mandioca. Hoje, porém, como não tem ajuda dos netos para cuidar da terra, não há como manter as plantações. Ainda segundo D. Reizinha, o **Capim-Dandá** é em sua concepção uma das principais causas da resistência de seus filhos e netos a voltarem a trabalhar com as terras de sua propriedade. Sendo, portanto, considerado de forma unânime por todos da comunidade como uma praga sintetizado na seguinte afirmativa: “Os meninos não querem andar dentro do Dandá... o Dandá tomou conta da terra, não dá mais para plantar. Os meninos estavam pequenos quando o Dandá apareceu por aqui. A gente aplica *Roundup*, que é muito caro, e são várias aplicações”. Ainda segundo D. Reizinha, são os próprios filhos que fazem à aplicação, porem o resultado não é o esperado, visto que a praga se alastra cada vez mais (Figura 1A).

---

<sup>10</sup>Foi necessária a presença de uma antropóloga e de vários alunos das mais diversas áreas de conhecimento e dos diferentes Campi da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Foi analisada também a relação do homem com a terra e todos os problemas descritos pelos agricultores nos vários cultivos da região.

O uso contínuo destes produtos pode trazer grandes problemas ao ser humano. Segundo Cox (1998) a falta de acesso a maiores informações sobre o perigo desta prática e a necessidade da produção rápida para atender a demanda do mercado inviabiliza que os pequenos produtores evitem o risco da aplicação indevida do *Roundup*. Apesar de ser um herbicida amplamente utilizado para eliminar plantas indesejáveis nos setores agrícolas e não-agrícolas, este produto por ser à base de glifosato (N-(fosfonometil) glicina,  $C_3H_8NO_5P$ ) é altamente tóxico para pessoas e animais. Dentre os sintomas mais comuns estão: irritação nos olhos e pele, dor de cabeça, náuseas, entorpecimento, elevação da pressão arterial e palpitações.

Os trabalhadores rurais são sem dúvida o grupo populacional brasileiro mais vulnerável a esses produtos tóxicos. Estima-se que dois terços da população do país estão expostos, em diferentes níveis, aos efeitos nocivos desses agentes químicos, seja em função do consumo de alimentos contaminados, do uso de agrotóxicos para o combate de vetores de doenças infecto-contagiosas ou pela atividade laboral (Peres e Moreira, 2003 *apud* Peres et al. 2005).

Segundo as narrativas dos indivíduos que a família de D. Reizinha, as terras dela foram adquiridas por meio de heranças de família (Figura 1B). De acordo com D. Reizinha, um dos descendentes do Senhor de Engenho, criou a mãe dela que a deixou órfã aos três meses de vida. Outra descendente a criou como se fosse da família e por isso, D. Reizinha recebeu de herança a sua casa com os hectares de terras.

Em uma das partes da propriedade da família de D. Reizinha, equivalente a vinte e sete tarefas (117.612 m<sup>2</sup>) de terra, foi possível percorrer a área com a ajuda de Sr. Antônio, que nos mostrou uma parte da propriedade na qual fomos surpreendidos pela relação de sensibilidade da D. Reizinha ao rememorar o uso da planta **São Gonçalinho** (*Casearia sylvestris* Sw.), elemento que aguçou a sua memória sobre as festas e os bailes da comunidade, cuja finalidade da planta era cobrir o chão do salão de festas para ativar a magia do ato de dançar.

Outras plantas foram relatadas como de uso mágico-religioso como a **Maria Milagrosa** (*Varronia curassavica* Jacq.) onde suas folhas seriam utilizadas em reza e serviram para curar derrame.

Ao final do processo de identificação da área, nos deparamos com antigas ruínas do que teria sido a antiga Casa de Engenho Sinunga rodeado por um pequeno córrego local no qual coletamos algumas plantas que se encontram depositadas no herbário da UFRB.



Figura 1: Imagens da propriedade de D. Rezinha. A - Terras tomadas pelo **Capim-Dandá**. B e C – Casa e quintal. D – Ruínas da antiga Casa de Engenho Sinunga.

#### 4.3- Visitas à casa de Dona Margarida Pinto (D. Lídia)

Dona Margarida, uma rezadeira conhecida popularmente como Dona Lídia, é esposa de Sr. Antônio (Seu Tico)<sup>11</sup>. Ao chegarmos, fomos recepcionados por ela e seu marido. De uma forma bem rápida, ela nos

<sup>11</sup> Fomos apresentados à D. Lídia por João Paulo, estudante do curso de História da UFRB e morador do Quilombo de São Félix.

mostrou as plantas existentes em sua propriedade e seus vários usos. O conhecimento empírico de D. Lídia acerca do uso das plantas nos impressionou.

A religiosidade estava presente de forma marcante casa de D. Lídia, local adornado com inúmeras imagens de Santos.

Segundo a narrativa de D. Lídia, a planta **São Gonçalinho** (*Casearea sylvestris*) (Figura 2A) era considerada como sendo uma planta santa. Segundo ela:

“Esta planta é abençoada, quando o sujo (o Mal) correu atrás do Nosso Senhor e da Mãe (Nossa Senhora), ele (o Nosso Senhor) teria dito a ela que aquela planta seria um bom lugar pra se esconder, aí eles ficaram lá e ela escondeu o bebê. Assim o mal não alcançou Deus menino! [...] No domingo de ramos agente coloca a planta nas portas [...] Ela tira até zanga do corpo!”

Quando questionada sobre as plantas para o “mal olhado”, ela desconversou. A coleta de várias plantas deve segundo D. Lídia, ser feita de forma ritualística, tendo cada uma a maneira correta de serem coletadas e usadas. Por exemplo, da babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F.) (Figura 2B) deve-se retirar duas folhas que estejam do lado contrário ao do que o sol escraviza, ou seja, do lado sombreado.

Os mitos, lendas, estórias e memórias contadas pelas pessoas da comunidade são uma fonte valiosa de informações, pois concebem o testemunho de contextos sociais passados, que já não podem mais ser registrado pelo pesquisador. Representam também a posse preciosa da memória social gradativamente transmitida aos representantes das gerações mais novas (Vietler, 2001).



Figura 2: Plantas utilizadas pelos moradores da Comunidade de Quilombo de São Félix- BA. A - São Gonçalinho (*Casearia sylvestris* Sw.). B – Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F.).

#### 4.4- Visitas a casa de Dona Norilda (Dona Nori)

Na visita a casa de Dona Norilda, popularmente conhecida como Dona Nori, fomos recebidos por ela e seus filhos. Um deles, o João Paulo foi de extrema importância neste trabalho, visto que nos forneceu informações preciosas a respeito das terras de sua família. Enquanto D. Nori nos contava quais as plantas que eram utilizadas e de que forma, João Paulo nos mostrava a casa de farinha lá existente, onde havia uma madeira retirada da planta denominada **Tapirucu** a qual também encontrava-se lá no Engenho. Segundo ele, na comunidade existem duas casas de farinha motorizadas para onde vão à maioria das pessoas, antes as mais utilizadas eram a de D. Reizinha e a de seu avô. As maiores tarefas de terra e as casas de farinha mais tradicionais seriam as pertencentes à família dele e de D. Reizinha.

D. Nori e João Paulo falaram um pouco das atividades desenvolvidas por sua família. Relataram-nos que as raspas da mandioca e a parte aérea desta planta eram usadas para dar de comer aos porcos, contudo, deveria haver um cuidado com o veneno dessas plantas. Segundo eles, a madeira da jaqueira também era usada em construções: “Essa madeira aqui era da minha casa antiga.” Diziam ao mostrarem uma das madeiras que estavam como alicerce do telhado da sua casa de farinha.

As terras da propriedade pertencente à sua família seria herança do seu bisavô e constava com cerca de 13 tarefas (56.628 m<sup>2</sup>).

João Paulo comentou também a respeito do nome do rio que passava por sua propriedade e que, segundo ele, teria o mesmo nome que o engenho que ficava nas terras de D. Reizinha, o rio intitula-se Sinunga. De acordo com as palavras do próprio: “A cada trecho (do rio) os moradores atribuem um nome diferente”.

Problemas com o Dandá também foi relatado pela família de D. Nori, mas diferente do que foi relatado pelas outras famílias, o surgimento do **Capim-Dandá** seria envolto em certo misticismo. Segundo o João Paulo: “Dizem que um senhor trouxe o dandá na enxada. Parece ter vindo de D. Reizinha... Não tinha aqui. Meu pai que contou isso, o pessoal daqui teme o Dandá”.

A forma encontrada pela família D. Nori para evitar a propagação do **Capim-Dandá** também é empírica, pois está baseada na tentativa e no erro. Contudo, a urgência no controle de sua propagação exigiu dos agricultores muita criatividade, o que não significa necessariamente que os resultados sejam negativos ou mesmo positivos, e sim apenas a forma encontrada por eles para lidar com um mal difícil de ser exterminado, como demonstra o relato de próprio João Paulo: “...meu irmão tá fazendo uma barreira de capim alta, o que dificulta que o vento traga a semente. Tem gente que faz grandes escavações para tirar bastante o Dandá, mas isso só funciona se for logo no início, e depois queima o Dandá.”

O conhecimento popular a cerca de plantas não deve ser descartado, tão pouco considerado como absurdo. Ainda que não seja seu uso medicinal ou mágico reconhecido, seu valor não deve ser subestimado. Neste aspecto ainda que não tenhamos conseguido demonstrar os componentes, a composição medicinal e/ou mágico-religiosa do **Capim-Dandá** na comunidade Quilombo de São Félix é possível afirmar a imposição desta planta como estrutura do significado do termo quilombo para os moradores da comunidade

Nas ilhas Filipinas, por exemplo, plantas originárias do novo mundo e introduzidas nessa ilhas, se aclimataram a nova região e foram adotadas e denominadas pelos indígenas, que na maioria dos casos pareciam ter redescoberto seus usos medicinais, rigorosamente paralelos aos que eram tradicionais no México. Um biólogo ao estudar esse fenômeno, relatou que o

emprego das plantas para dores de estômago, por exemplo, estava relacionado à seu gosto amargo, sendo assim, toda planta introduzida que apresentasse a mesma característica seria imediatamente experimentada (Lévi-Strauss, 1970). Cabe então retomar as premissas do pensamento mágico elaborado por Lévi-Strauss (1970) no qual ele afirma que a magia não deve ser vista como uma modalidade tímida e balbuciante da ciência, pois, seríamos privados de todos os meios de compreender o pensamento mágico se pretendêssemos reduzi-lo a um momento ou a uma etapa da evolução técnica e científica. A ciência é em um sentido, completa como o pensamento mágico, tão acabada e coerente em sua imaterialidade, quanto o ser sólido por ela simplesmente procedido.

#### **4.5- A etnobotânica**

Antes de ter iniciada a discussão a respeito das plantas encontradas na comunidade estudada deve-se levar em conta o quanto é evidente que as classificações obtidas pelo investigador constituem nada mais que um recorte de intrincadas cadeias de informações, dentre as quais aquelas relativas ao comportamento técnico e à vida prática dos informantes como foi mencionado por Viertler (2001).

Segundo este mesmo autor, em investigações etnobotânicas a classificação das plantas só possui sentido para os informantes se for construída a partir de várias práticas sociais, tais como o trabalho de cultivo da terra, a preparação de comida, remédios ou cosméticos ou mesmo a cura de doenças. E mais do que isto, é preciso integrar nesta empatia pelos informantes culturalmente diferentes, a existência de certas entidades sobrenaturais que requerem o rastreamento de um mundo sobrenatural inacessível à verificação empírica (Viertler, 2001).

##### **4.5.1-Famílias mais representativas**

Um total de 32 etnoespécies foram identificadas e citadas como medicinais distribuídas em 23 famílias botânicas e 26 gêneros (ver Quadro 1). As famílias mais representativas encontradas na Comunidade Quilombo foram Asteraceae (4 espécies) e Boraginaceae (3 espécies) (Figura 3). Este resultado divergiu dos resultados encontrados por Magalhães (2009) no levantamento etnobotânico na comunidade rural Sapucaia em Santo Antônio de Jesus no qual as famílias mais representativas foram Asteraceae e Lamiaceae. Deve-se salientar que ambas as comunidades pertencem ao Recôncavo da Bahia.

Pires et al. (2009) em um trabalho realizado em terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna na Bahia citou Asteraceae e Lamiaceae como sendo as famílias mais representativa. As famílias com maior representatividade no uso medicinal foram Asteraceae (4 espécies), Fabaceae (2) e Euphorbiaceae (2). Resultado semelhante foi encontrado por Vieira (2008) e por Almeida e Albuquerque (2002). No entanto, no que se refere ao trabalho realizado por estes dois últimos autores, Lamiaceae foi a mais representativa havendo participação maciça das outras famílias anteriormente citadas.

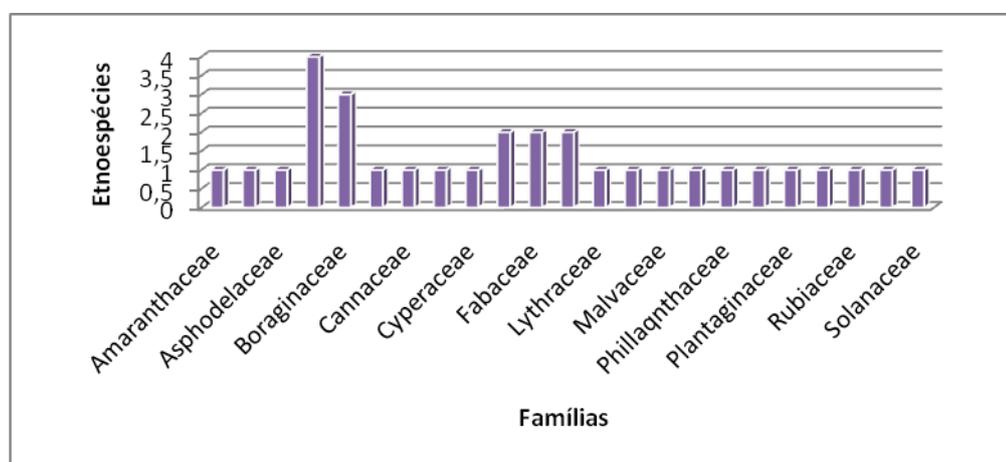


Figura 3: Número de etnoespécies por famílias de plantas citadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA.

No presente trabalho, *Spermacoce verticillata* L. (Rubiaceae) foi relatada como **Carqueja** (Figura 4A) pelos entrevistados. Em vários outros trabalhos é conhecida como **Vassourinha** (Lorenzi e Matos, 2008) e **Vassoura** (Neto e Gama, 2002). Macedo (1996 *apud* Neto e Gama 2002), Lorenzi e

Matos (2008) citam esta planta como detentora de propriedades eméticas, ou seja, causam vômito. Em vários outros trabalhos (Neto e Gama, 2002; Lorenzi e Matos 2008; Avancini et al., 2000) a espécie conhecida como **Carqueja** é a *Baccharis trimera* (Less.) DC. e pertence à família Asteraceae, sendo indicada por estes mesmos autores como estimulante hepático e de apetite, laxativa, diurético, emagrecedora e digestivo. Avancini et al. (2000) comprovou a atividade antimicrobiana da infusão das folhas, da *B. trimera*.

A espécie conhecida como **Carro Santo** (*Argemone mexicana* L.) (Figura 8E) pertencente à família Papaveraceae, é denominada de **Cardo Santo** também por Lorenzi e Matos (2008). Contudo, possuindo usos diferentes dos também mencionados pelos entrevistados. Para os entrevistados, o chá da raiz e da semente é usado no combate a gripe, febre e derrame. Lorenzi e Matos (2008) citam indicações das raízes e da parte aérea no tratamento de inflamações da bexiga. Na obra de Lorenzi e Matos (2008), a espécie conhecida como **Carro Santo** é *Buddleja stachyoides* Cham. & Schlttdl. (Scrophulariaceae) é usada para o tratamento de hemorróidas e tem propriedades analgésicas. Seu principal modo de preparo e parte usada é o chá de sua casca para o tratamento de doenças pulmonares suas raízes seriam utilizadas no contra o envenenamento por picada de cobras (Lorenzi, 2008).

A **Cansanção** (*Cnidocolus urens* (L.) Arthur) (Figura 4B) indicada neste trabalho para combater dores na coluna, também foi relatada por Freitas e Rodrigues (2006), contudo, estes mesmos autores não fazem menção do uso desta espécie com o suco da laranja, como citados pelos entrevistados, nem do modo de preparo o qual seria o chá das folhas. Porém, a indicação medicinal de aliviar ou mesmo combater dores na coluna foi também confirmada por estes mesmos autores.

O **Pinhão Roxo** (*Jatropha gossypifolia* L.) (Figura 4C) indicado neste trabalho apenas para o uso mágico-religioso foi citado por Vieira (2008) como sendo medicinal e tóxico. Lorenzi e Matos (2008) também confirmam o uso mágico desta planta, principalmente no Nordeste brasileiro, onde ela é plantada em frente às casas evitando assim a entrada de todos os males. Contudo, estes mesmos autores citam a *J. gossypifolia* como detentora de propriedades

medicinais tais como uso de suas sementes como purgativo drástico, e suas folhas como medicação cicatrizante, hemostática, anti-reumática e anti-hipertensiva, suas raízes teriam propriedades diuréticas.

O **Murici** (*Byrsonima* sp.) (Figura 4D) indicado neste trabalho como sendo apenas usado medicinalmente para combater o colesterol a partir de seu chá, difere da parte utilizada e do mal a ser combatido relatados no trabalho realizado por Vieira (2008), no qual foi indicado o uso do chá da casca do tronco de sua árvore para problemas de gastrite e dente infeccionado.

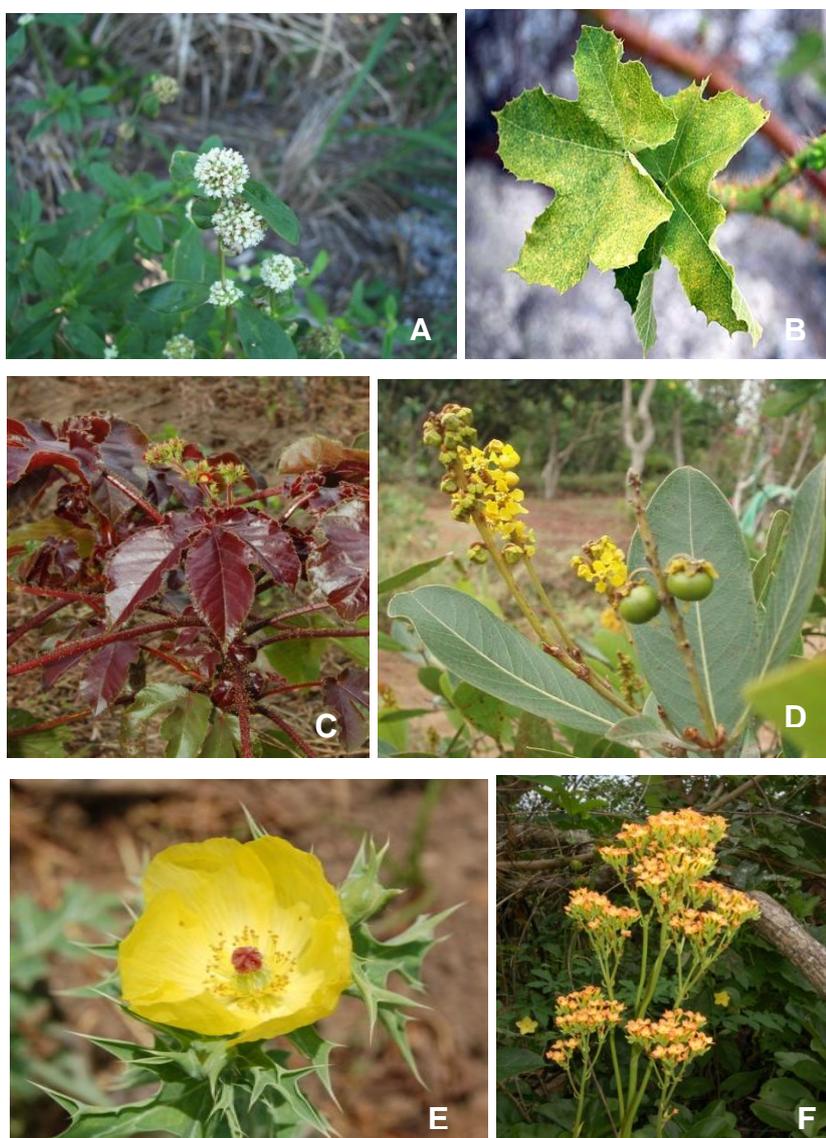


Figura 4: Plantas utilizadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA. A - *Spermocoe verticillata* L. (Carqueja). B - *Cnidocolus urens* (L.) Arthur (Cansanção). C - *Jatropha gossypifolia* L (Pinhão Roxo). D -

*Byrsonima* SP (Murici). E - *Argemone mexicana* L. (Carro Santo). F – Folha da Costa (*Kalanchoe brasiliensis* Cambess.

**Quadro1. Listagem das plantas utilizadas como medicinais e/ou mágico-religiosas, nomes populares, parte usada, modo de preparo e indicação citados pelos entrevistados da Comunidade de Quilombo, São Félix– BA. Legenda: NC = número de coletor (Sousa, M. P. et al.)**

FAMÍLIA/TÁXON	NOME POPULAR	USO	PARTE USADA	MODO DE PREPARO	INDICAÇÃO POPULAR	NC
<b>Amaranthaceae</b>						
<i>Chenopodium ambrosoides</i> L.	Mastruz	Medicinal	Folha	Sumo com leite	Verminoses e gripe	101
<b>Anacardiaceae</b>						
<i>Schinus terebentifolius</i> Raddi	Aroeira	Medicinal	Entrecasca	Emplastro	Dores	17
<b>Asphodelaceae</b>						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa	Medicinal	Folha	Sumo	Caspa, queda de cabelo	109
<b>Asteraceae</b>						
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Buticudo	Medicinal	Planta inteira (sem a flor)	Chá	Diabetes	42
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão Preto	Medicinal	Folha	Chá	Cólicas, dores em geral e problemas no ovário	77, 92
<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	Balaio de Vei	Medicinal	Caule	Chá		

<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assa Peixe Branco	Medicinal	Folha	Chá	Dores de barriga	79, 90
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assa Peixe Branco	Medicinal	Folha	Lambedor	Problemas no fígado e intestino Gripe	47, 84, 22
<b>Boraginaceae</b>						
<i>Cordia superba</i> Cham.	Baba de boi	Alimentício	Fruto	----	---	68
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	Maria Preta	Medicinal	Folha	Chá	Gripe	20
<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Maria Milagrosa*	Mágico-Religioso	Folha	Reza	Derrame	43
<b>Bromeliaceae</b>						
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr	Abacaxi	Medicinal	Fruto	Lambedor	Gripe	97
<b>Cannaceae</b>						
<i>Canna indica</i> L.	Aticum/Atiquim	Medicinal	Raiz	Chá	Tosse	50
<b>Crassulaceae</b>						
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Folha Da	Medicinal	Folha	Lambedor	Gripe	93

	Costa					
<b>Cyperaceae</b>						
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Capim Dandá	Mágico-Religioso	Toda a planta	----	Praga	41
<b>Euphorbiaceae</b>						
<i>Cnidoculus urens</i> (L.) Arthur	Cansação	Medicinal	Folhas + Suco de laranja	Suco	Dores de coluna	51
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão Roxo	Mágico-Religioso	Folha	Banho das folhas	Mal olhado, assalto	91
<b>Fabaceae</b>						
<b>Caesalpinioideae</b>						
<i>Senna splendida</i> (Vog.) H. S. Irwin & Barneby	Flor De São João	Medicinal	Flor & Raiz	Chá	Problemas de próstata & Inflamações em geral	46
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	Café Fedegoso	Medicinal	Sementes	Chá	Derrame	105
<b>Lamiaceae</b>						
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	Medicinal e tempero de comida	Folha	Vaporização &	Sinusite	99

<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Tioiô	Medicinal	Folha	Lambedor Chá	Gripe Problemas na próstata	45,83
<b>Lythraceae</b> <i>Punica granatum</i> L.	Alumã	Medicinal	Folha	Chá	Cicatrizante pós-parto	65
<b>Malpighiaceae</b> <i>Byrsonima</i> sp.	Murici	Medicinal	Folha	Chá	Combate o Colasterol	16
<b>Malvaceae</b> <i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	Medicinal	Botão & Folha	Chá Chá	Gripe Sintomas da menopausa e problemas no ovário	95

<b>Papaveraceae</b>						
<i>Argemone mexicana</i> L.	Carro Santo	Medicinal	Raiz & Semente	Chá	Febre e Gripe	89
				Chá	Derrame	
<b>Phyllanthaceae</b>						
<i>Phyllanthus</i> sp.	Quebra Pedra	Medicinal	Toda a planta	Chá	Problemas renais	85, 102
<b>Phytollaccaceae</b>						
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Mágico-Religioso	Folha	Coloca-se a folha no bolso	Afastar as coisas ruins	100
<b>Plantaginaceae</b>						
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	Medicinal	Folha	Chá	Inflamação da garganta dores em geral	82
<b>Polygonaceae</b>						
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Folha de bicho	Medicinal	Folha	Sumo	Solta sangue suga	67
<b>Rubiaceae</b>						
<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Carqueja	Medicinal	Folha	Chá	Emagrecer	21, 107

<b>Salicaceae</b> <i>Casearia sylvestris</i> Sw.	São Gonçalinho	Medicinal & Mágico-Religioso	Folha  Folha/ramo	Chá  Banho, adornar a casa	Disenteria  Afastar mal olhado	104
<b>Solanaceae</b> <i>Solanum americanum</i> Mill.	Erva de Santa Maria	Medicinal	Folha	Sumo	Cicatrizante	106

\*Planta também conhecida por alguns entrevistados como Maria Santa, esta espécie serviria também para mal olhado.

#### 4.5.2-Etnobotânica qualitativa

Verificou-se que o conhecimento tradicional das famílias entrevistadas está em poder dos mais velhos, visto que dos três informantes-chave, dois estavam na faixa etária acima de 55 anos e apenas uma entre 45 e 50. Dados similares foram encontrados por Vieira (2008). Deve-se salientar que dos representantes mais novos, apenas o João Paulo se mostrou com algum interesse em participar ativamente das coletas de dados sobre o uso das plantas, os outros, quando presentes, preferiram não participar.

A doença mais comum entre os moradores da comunidade entrevistados na comunidade é a gripe, sendo tratada na maioria dos casos com chás e lambedores preparados com as mais diversas plantas (Quadro 1). Resultados semelhantes foram descritos por Viera (2008) em um trabalho realizado na Comunidade Quilombola dos Macacos em São Miguel do Tapuío, Piauí.

As espécies indicadas pelos informantes foram coletadas em quintais, roças e nas áreas de vegetação nativa. A maioria das espécies utilizadas como medicinais (76,66%) (Tabela 1) cresce espontaneamente em ambientes

naturais ou modificados antropicamente. Dados semelhantes foram relatados por Vieira (2008) e por Magalhães (2009). De acordo com este último autor, a ocorrência espontânea das espécies coletadas pode indicar um alto grau de adaptabilidade das mesmas ao habitat em que se encontram.

#### 4.5.2.1-Partes usadas e formas de uso das plantas

Quanto à parte usada da planta no preparo dos remédios, destacam-se as folhas (61%), seguidas de raízes (8%), a planta toda (8%), frutos e sementes ambos com (6%), caule e entrecasca (6%) e flores (5%) (Figura 5). Resultados semelhantes foram encontrados por Vieira (2008), Freitas e Rodrigues (2006) e Pires et al. (2009).

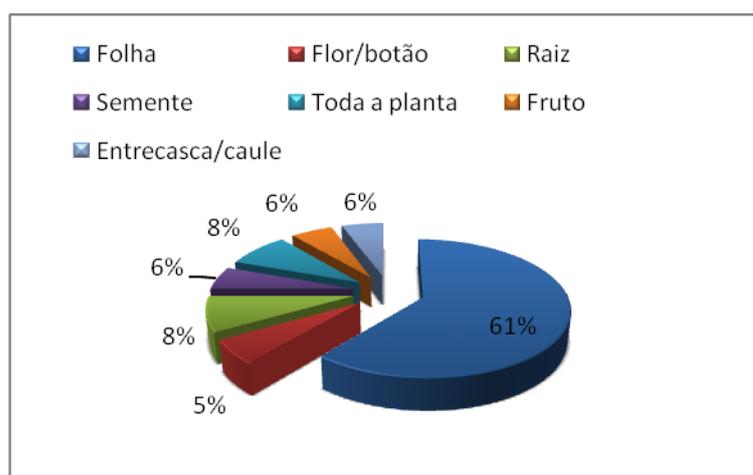


Figura 5: Gráfico representando as partes das plantas usadas pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA.

A maioria das plantas é usada apenas de forma medicinal (77%), 17 % classificadas apenas como de uso mágico-religioso, 6% utilizadas de outras formas (Figura 6). O uso em sua grande parte como medicinal também foi relatado por Vieira (2008), Freitas e Rodrigues (2006), Pires et al. (2009), Albuquerque e Andrade (2002), Silva (2010), Nunes et al. (2003), dentre outros.

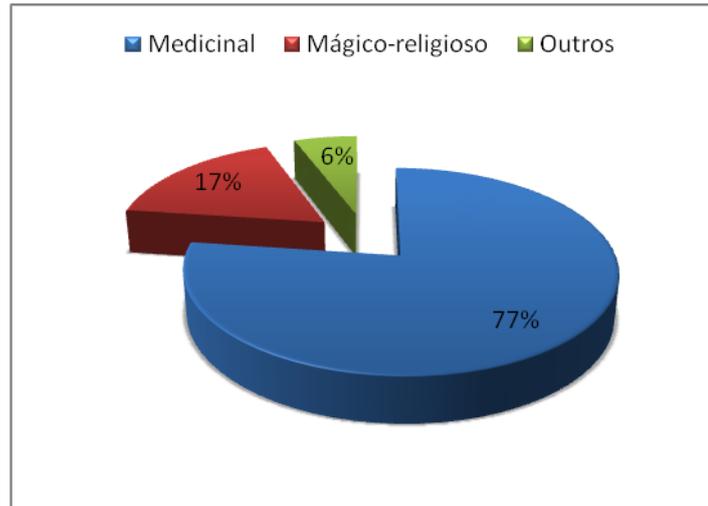


Figura 6: Gráfico com os vários usos das plantas feitos pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA.

A preferência das plantas medicinais para o uso apenas na forma de chá foi detectada para maioria dos casos de tratamento de doenças (58%), como sumo e lambedor 11% cada, 6% como reza, 5% como banho, outros usos somam 6% (Figura 7). Vieira (2008), Freitas e Rodrigues (2006) obtiveram resultados semelhantes quanto à preferência para o uso do chá como remédio.

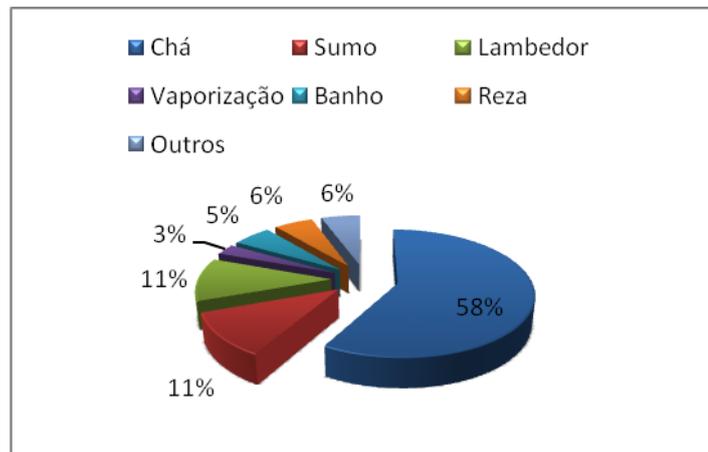


Figura 7: Porcentagem do modo de preparo das plantas para os mais variados males citados pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-BA.

Vieira (2008) cita como sendo o sistema respiratório o que obteve o maior destaque dentre todos tratados com as plantas medicinais atingindo

36,76% das espécies, seguido pelos sistemas digestivo (22,06%) e genito-urinário (13,23%). Resultados semelhantes foram encontrados neste trabalho, sendo o as doenças que acometem sistema respiratório as obtiveram os maiores índices (31%) de recomendações do tratamento com plantas (Figura 8).

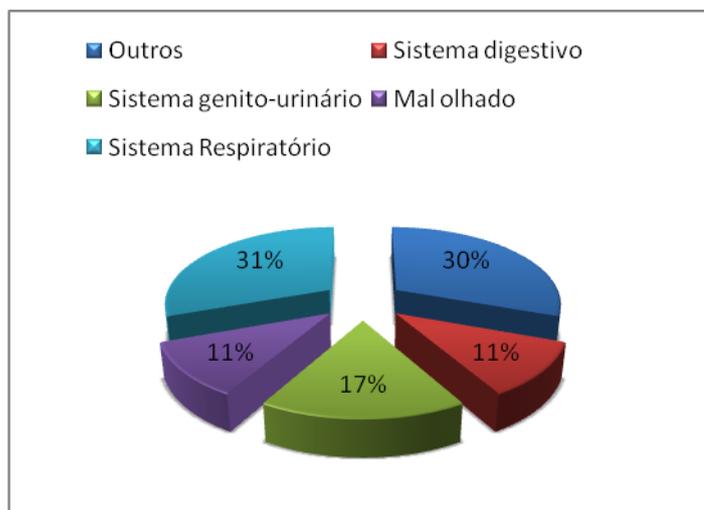


Figura 8: Gráfico com os sistemas do corpo humano que mais são tratados com plantas pelos informantes da comunidade Quilombo de São Félix-B

#### 4.5.3- Família Asteraceae

A maioria das plantas (13%) coletadas pertencem às Asteraceae. Esta família pertence à ordem Asterales, grupo das Asterídeas, mas especificamente, Eusaterídeas II. Contém cerca de 13,6% da diversidade Magnoliopsida (APG, 2003).

Segundo Souza e Lorenzi (2005), esta família caracteriza-se principalmente pela sua inflorescência que é disposta em capítulos, os quais são envolvidos por brácteas que formam um envoltório e suas flores estão dispostas sobre um receptáculo geralmente discóide. Possui fruto do tipo cipsela, com papilho geralmente persistente, auxiliando na dispersão, quer seja por vento, quer seja por animais, do fruto. É uma família bastante cosmopolita, sendo a maior família de Eudicotiledôneas, com 1600 a 1700 gêneros e 24000 a 30000 espécies. No Brasil a família está bem representada, ocorrendo

aproximadamente 250 gêneros e 2000 espécies. De acordo com Verdi et al. (2005) as plantas desta família são extensivamente estudadas quanto a sua composição química e atividade biológica levando ao desenvolvimento de novos fármacos, inseticidas, entre outros.

No presente trabalho foram encontradas as seguintes espécies: *Centratherum punctatum* Cass. (Figura 9A), *Bidens pilosa* L. (Figura 9B), *Acanthospermum hispidium* D.C. (Figura 9C) e *Vernonia polyanthes* Less. (Figura 9D).

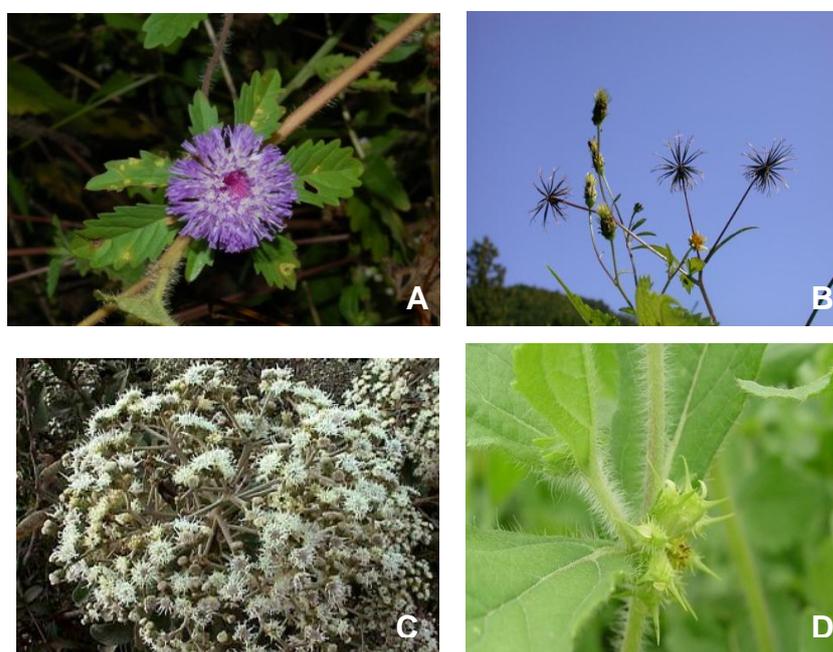


Figura 9: Plantas da família Asteraceae utilizadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA. A - *Centratherum punctatum* Cass. (Balaio de Véi). B - *Bidens pilosa* L. (Picão Preto). C - *Vernonia polyanthes* Less. (Assa Peixe Branco). D - *Acanthospermum hispidium* DC. (Buticudo).

#### 4.5.4- Família Boraginaceae

A segunda família mais representativa no presente trabalho foi a Boraginaceae (9,4%). Esta família pertence à ordem Lamiales e de acordo com Souza e Lorenzi (2005) esta família caracteriza-se principalmente por possuir inflorescência cimosas, frequentemente escorpióides com suas flores vistosas,

bissexuadas, seu fruto é geralmente do tipo drupa ou esquizocarpo, sendo raro o fruto do tipo cápsula. É uma família bem representada no Brasil, ocorrendo aqui 12 dos 140 gêneros existentes e 100 das 2700 espécies. Farmacologicamente, diversas atividades biológicas foram comprovadas com extratos de espécies do gênero *Cordia*, tais como: antiinflamatória, analgésica, antimicrobiana, entre outras (Sertie et al., 1988, 1990, 1991 *apud* Abrantes e Agra, 2004 ).

No presente trabalho foram encontradas as seguintes espécies: *Cordia superba* Cham. (Figura 10A); *Cordia verbenacea* DC. (Figura 10B) e *Varronia curassavica* Jacq.

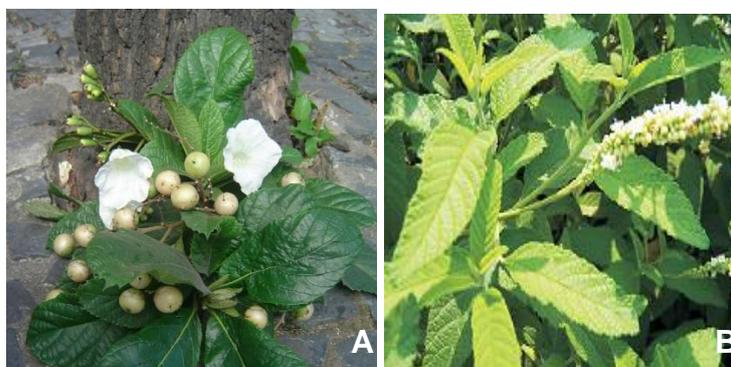


Figura 10: Plantas da família Boraginaceae utilizadas pelos moradores da comunidade Quilombo de São Félix-BA. A - *Cordia superba* Cham. (Baba de Boi). B - *Cordia verbenacea* DC. (Maria preta).

#### 4.6- O Capim-Dandá (*Cyperus rotundus* L.)

Uma espécie que mereceu destaque nas narrativas não só de D. Reizinha, como também de todos os entrevistados foi o **Capim-Dandá** (*C. rotundus*). Segundo Kissmann (1997), a introdução do **Capim-Dandá** aqui no Brasil ocorreu por meio dos navios mercantes portugueses, ainda no período Colonial. Esta espécie se estabeleceu inicialmente em zonas portuárias como as de Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Santos e São Vicente, posteriormente difundindo-se para o interior. Atualmente esta disseminação continua, muitas

vezes, imperceptível em conjunto com mudas de outras plantas como, por exemplo, jacás, torrões-paulistas e também em sacos plásticos.

As explicações para seus efeitos sobre as mais variadas plantações seriam seus efeitos alelopáticos, como já anteriormente citado por Lorenzi (2000). Para melhor entender os efeitos alelopáticos das plantas surgiu a ecofisiologia vegetal, que segundo Lambers et al. (2008), é a ciência experimental que procura descrever os mecanismos fisiológicos mediante observações ecológicas, ou seja, aborda as questões ecológicas sobre os controles do crescimento, reprodução, sobrevivência, abundância e distribuição geográfica das plantas e como esses processos são afetados pelas interações de plantas com as características bióticas e abióticas do meio ambiente.

Alelopatia é o conjunto de efeitos nocivos dos vegetais sobre os espécimes adjacentes. As plantas liberam no ambiente uma grande variedade de metabólitos primários e secundários a partir de folhas, raízes e serrapilheira em decomposição. Se uma planta pode reduzir o crescimento de plantas adjacentes pela liberação de compostos químicos no solo, isso pode ter como consequência a maior chance de acesso à luz, à água e aos nutrientes e, por conseguinte, propiciar, sua maior adaptação evolutiva. Ou seja, a alelopatia está intimamente associada com a competição existente entre os organismos por recursos naturais do meio (Taiz e Zeiger, 2004).

Do ponto de vista econômico uma das culturas mais afetadas negativamente pelo **Capim-Dandá** é a de cana-de-açúcar. Segundo Kissmann (1997), os prejuízos são decorrentes da competição durante todo o ciclo, sobretudo na fase inicial da cultura é que o **Capim-Dandá** ocasiona maiores problemas. Pela liberação de substâncias químicas de efeito alelopático, esta planta inibe a brotação de gemas e o perfilhamento da cana, o que culmina na formação de estandes mais baixos nas áreas afetadas. A área de estudo, Quilombo de São Félix é oriunda do processo da produção de cana-de-açúcar talvez isso justifique o fato das terras terem sido divididas em terras boas, área de engenho de cana-de-açúcar e terras de quilombo simbolizando a idéia de lugar de labuta, trabalho árduo com a terra.

Segundo Ferreira e Aquila (1999), a substituição da vegetação natural por uma cultura é bastante comum no Brasil, pois há o costume de pousio

sobre áreas agrícolas em várias regiões do país. Nestas áreas já cultivadas e deixadas em repouso aloja-se uma flora espontânea, onde surgem diferentes plantas que podem colaborar para que o fenômeno de alelopatia se manifeste. Há na literatura um grande número de exemplos de influência alelopática sobre plantas de culturas ou forrageiras. Ainda segundo Ferreira e Aquila (1999), a germinação é menos sensível aos aleloquímicos que o crescimento da plântula. Porém, a quantificação experimental é muito mais simples, pois para cada semente o fenômeno é discreto, germina ou não germina. Nesse contexto, os aleloquímicos podem levar ao aparecimento de plântulas anômalas, sendo a necrose da radícula um dos sintomas mais comuns.

O efeito aparente dos aleloquímicos sobre as plantas é somente uma indicação subsidiária de mudanças antecedentes. Assim, os estudos a respeito do efeito de aleloquímicos sobre a germinação e/ou desenvolvimento da planta são amostras secundárias de efeitos advindos a nível molecular e celular inicialmente (Ferreira e Aquila, 1999).

A maneira de ação dos aleloquímicos pode ser grosseiramente dividida em ação direta e indireta. Nesta última, pode-se incluir alterações nas propriedades do solo, de suas qualidades nutricionais e das alterações de populações e/ou atividade dos microorganismos. O modo de ação direto ocorre quando o aleloquímico liga-se às membranas da planta receptora ou penetra nas células, intervindo diretamente no seu metabolismo (Ferreira e Aquila, 1999).

A ação dos aleloquímicos pode se tornar, um importante fator de manejo de culturas, pelo uso de plantas que exercem controle sobre determinadas espécies indesejadas, obtendo assim sistemas de culturas mais produtivos. (Goldfarb et al., 2009).

Apesar de todos os problemas trazidos pelo **Capim-Dandá** ainda hoje, na medicina tradicional de vários países, os tubérculos desta planta vêm sendo utilizados de forma terapêutica com base na secular tradição popular, no tratamento de feridas, tuberculose, pneumonia, escabiose e pústulas, sendo por tanto atribuídos a eles propriedades antiinflamatórias, balsâmica, estimulante, diurética, anti-helmíntica, antipirética, anti-histamínica, adstringente, carminativa, diaforética, estomacal, hipotensora e vermífuga,

embora a eficácia e a segurança de seu uso não tenham sido, ainda, comprovadas cientificamente (Gupta et al., 1980, Mors e Pereira 2000 *apud* Lorenzi e Matos, 2008). Contudo, os tubérculos desta planta possuem compostos terpênicos, dos quais se reconhece algumas propriedades terapêuticas (Kissmann, 1997).

No estado do Ceará o **Capim-Dandá** é considerada uma planta com efeito afrodisíaco. Esteróis extraídos de suas sementes mostraram atividade antiinflamatória comparável com a da cortizona. Em ensaio de edema de pata de rato provocado experimentalmente, exibiram também, ação antifebril similar à da aspirina sem, contudo, apresentarem atividade analgésica, tendo se observado uma grande margem de segurança no seu uso (Matos 1985 *apud* Lorenzi e Matos 2008).

#### **4.7- Além do Capim-Dandá existe outro problema para os agricultores: o gongo.**

Além do **Capim-Dandá**, existem outros fatores que afetam a agricultura local, como o “gongo”. De acordo com o relato de D. Reizinha: “O gongo não deixa nada e o besouro que ataca a raiz do inhame e da batata condena a raiz da planta... já tem dois anos que isso acontece.”

O problema do “gongo” foi citado também por D. Lídia e o seu marido, o Seu Tico. De acordo com o relato do próprio: “o inhame tá cheio de gongo! Ai mais perde do que dá... antes não tinha, de uns anos pra cá que apareceu... o besouro fura o inhame, ai eles [os gongos] entra pra dentro.” E ainda: “... se acabar a plantação da roça, agente vai comer o quê?”. Para tentar minimizar os prejuízos, o Seu Tico plantava mandioca e aipim, que segundo ele seria “o futuro”. A existência de uma cooperativa de inhame também foi relatada por sei Tico que distribuía entre os agricultores, o calcário, para colocar nas plantações e exterminar os gongos.



Figura 11: Fatores que afetam a agricultura da comunidade de Quilombo de São Félix-BA. A – Gongolo na batata. B – Marcas do ataque do gongolo no inhame. C – Família de D. Reizinha em um mutirão para descascar a mandioca.

#### 4.6- O significado de Quilombo

Ainda que o significado de Quilombo na maioria das vezes nos remeta a um local onde deveriam existir pessoas de pele preta categorizados hoje na sociologia como negros, a comunidade, objeto deste estudo, não corresponde a tais expectativas. A partir das narrativas das pessoas entrevistadas neste trabalho foi possível perceber onde estaria inserido o significado de Quilombo. Quando questionadas sobre suas terras, as famílias alvo nos relataram que as terras da área ocupada por elas são terras ruins e por isso receberam o nome de Quilombo. Isso é, terra de trabalho, as terras boas seriam aquelas próprias para o plantio sem exigências de esforço físico. Essa é uma questão específica

da etnicidade. Foi assim que percebemos o que o Quilombo realmente significava: uma terra de trabalho.

## 5- CONCLUSÕES

Este trabalho proporcionou uma atenção aos aspectos históricos, culturais e biológicos, evidenciando que o uso das plantas na comunidade estudada representa muito mais que a cura de uma doença ou outros males, caracterizando desta forma uma fonte de recursos importante na sobrevivência da Comunidade de Quilombo de São Félix.

O significado de Quilombo na área de estudo não foi identificado a partir da cor da pele dos moradores da comunidade, mas sim a partir das terras ocupadas por eles. Estas terras chamadas de 'ruins' eram apenas para o trabalho e, por isso, receberam o nome de Quilombo. As terras denominadas boas seriam aquelas próprias para o plantio sem exigências de esforço físico.

O **Capim-Dandá** (*Cyperus rotundus* L.) está presente em todas as narrativas dos entrevistados sendo, portanto, considerada um elemento comprobatório da etnicidade do local.

Muitas das plantas citadas pelos entrevistados tinham nomes populares diferentes dos já anteriormente citados em vários outros trabalhos, o que mostra a grande divergência de vocabulário nas várias regiões do país.

A categoria medicinal obteve o maior número de espécies relatadas. As folhas constituem a parte da planta mais utilizada, sendo o chá, a forma de preparo mais administrada.

A relação mágico-religiosa existente pessoas da comunidade Quilombo de São Félix e as plantas são uma fonte fundamental de conhecimentos, pois idealizam o testemunho de contextos sociais decorridos, que já não podem mais ser registrado, representam também a posse valiosa da memória social gradualmente transmitida aos representantes das gerações mais novas.

Diante do exposto, faz-se necessário a utilização de meios que estimulem os membros da comunidade a absorver o conhecimento tradicional, para que possam, frente à modernidade, manter viva a cultura local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, H. F. L. e AGRA, M. F. Estudo etnomedicinal das Boraginaceae na caatinga paraibana, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**. v. 85, n. 1, p. 7-12. 2004

ALBUQUERQUE, U. P. e LUCENA, R. F. P. **Métodos e Técnicas Na Pesquisa Etnobotânica**. Recife: Editora Livro Rápido. 2004.

ALBUQUERQUE, U. P. de e ANDRADE, L. H. C. Conhecimento Botânico Tradicional e Conservação em uma Área de Caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v.16, n.3, p. 273-285, 2002.

ALMEIDA, C. F. C. B. R. e ALBUQUERQUE, U. P. Uso e Conservação de Plantas e Animais medicinais no estado de Pernambuco (nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Revista Interciência**. v. 27, p. 276-285, 2002.

AMOROSO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v.16, p.189-203, 2002.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP (APG). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APGII. *Bot. J. Linnean Soc.* 141: 399-436. 2003.

ARAUJO, L. G. **Etnobotânica Caiçara: Diversidade e Conhecimento de Recursos Vegetais No Litoral Paulista**. 2007. 195f. Dissertação (Mestrado em ecologia), UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas.

AVANCINI, C.A.M.; WIEST J.M. e MUNDSTOCK, E. Atividade bacteriostática e bactericida do decocto de *Baccharis trimera* (Less.) D.C., Compositae, carqueja, como desinfetante ou anti-séptico. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**. Belo Horizonte. v. 52, n.3, 2000.

BADKE, M. R. **Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e o cuidado de enfermagem**. Universidade Federal de Santa Maria-RS. Centro de Ciências da Saúde. 2008.

BEGOSSSI, A.; HANAZAKI, N. e SILVANO, R. A. M. **Ecologia Humana, Etnoecologia e Conservação**. In: Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas. Anais, Rio Claro, SP. 29/11 a 01/ 12/2001.

CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros II: Estudi etnofarmacobotânico**. São Paulo. Editora Ícone. 1998.

CARRARA, D. **Possangaba: o pensamento médico popular**. Editora Ribro Soft. Rio de Janeiro. 1998.

COX, C. **GLYPHOSATE (ROUND UP)**. Journal of Pesticide Reform/Fall - v. 18, n. 3, 1998.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: verdades e mentiras: o que os usuários e os funcionários de saúde precisam saber**. São Paulo. Editora UNESP. 2007.

FERREIRA, A. G. e AQUILA, M. E. A. **Alelopatia: uma área emergente da ecofisiologia**. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Fisiologia Vegetal, Brasília, DF. 1999.

FREITAS, T. A. e RODRIGUES, A. C.C. Etnobotânica das plantas medicinais de Madre de Deus, Bahia. **Sitientibus, Série Ciências Biológicas. Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana**. v.6, n.2, p. 133-137, 2006.

GOLDFARB, M.; PIMENTEL, L.W e PIMENTEL, N. W. Alelopatia: relações nos agroecossistemas. **Revista Tecnologia & Ciência Agropecuária**, João Pessoa, v.3, n.1, p. 23-28, 2009.

LAMBERS, H.; CHAPIN III F.S.; PONS, T.L. **Plant Physiological Ecology**. Springer Science+Business Media, LLC, 2 ed., 2008.

LORENZI, H. e MATOS, F. J. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2. Ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2008.

LORENZI, H. **Plantas Daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 4. Ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2008.

KISSMANN, K. G. **Plantas Infestantes e Nocivas. Tomo I**. 2ª edição. São Paulo: Editora BASF. 1997.

KOUTSOUKOS, S. S. M. O valor da aparência. In: **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin. Coleção Revista História de Bolso. p. 79, 2009

LÉVI-STRAUSS. A ciência do concreto. In: **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP. p. 29, 1970.

MAGALHÃES, V. C. Levantamento Etnobotânico na Comunidade Rural Sapucaia em Santo Antônio de Jesus, Recôncavo da Bahia – BA. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 4, n. 2, p. 2071-2075, 2009.

MING, L. C. **Plantas medicinais na reserva extrativista Chico Mendes: uma visão etnobotânica**. São Paulo: Editora UNESP. 2007.

NETO, R.M.R. e GAMA, J. R. V. Biomassa acima do solo de espécies herbáceas e subarborescentes com potencial medicinal em uma vegetação secundária. **Ciência Florestal**, Santa Maria. v. 13, n. 1, p. 19-24, 2002.

NUNES, G.P.; SILVA, M.F.; RESENDE, U.M.; SIQUEIRA, J.M. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 13, n. 2, 2003.

PAIXÃO, L. M. B. V. S.; CARVALHO, J. E. B. e COSTA, J. A. Efeito de densidades populacionais da “tiririca” (*Cyperus rotundus*, L.) sobre o estado nutricional da mandioca. **Revista Magistra**. v. 2, n. 7, p. 33-53, 1995.

PERES, F.; ROZEMBERG B. e LUCCA, S. R. Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro. v. 21, n. 6, p. 1836-1844, 2005.

PIRES, M. V.; ABREU, P. P.; SOARES, C. S.; SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D. C. e ROCHA, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre. v. 7, n. 1, p. 3-8, 2009.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias Da Etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. Editora UNESP. 1997.

QUILOMBOS da Bahia - filme documentário. Direção e Roteiro: Antônio Olavo. Bahia. Produtora de vídeo SEMED. 2004. Documentário DVD.

REIS, J. J. Ameaça Negra. In: **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin. Coleção Revista História de Bolso. p. 29, 2009.

SÁ, I. M. A interdisciplinaridade na pesquisa de plantas medicinais de uso tradicional. **Revista de Ciências Agroveterinárias**. v.5, n.1, 2006.

SANTOS, M. G.; LOLIS, S. e DAL BELO, C. A. **Levantamento etnobotânicos realizados em duas comunidades de remanescentes de negros da região do Jalapão, estado de Tocantins**. IN: SOCIABILIDADES NEGRAS Comunidades remanescentes, escravidão e cultura. Belo Horizonte: Editora Gráfica Daliana LTDA. p. 29-31, 2006.

SANTOS, A. R.; NETO, R. L.; SANTOS, A. C. e SANTOS, L. G.. **Recôncavo da Bahia: evolução, adubação e diagnose nutricional de pastagens**. Disponível em: [http://www.ufrb.edu.br/nutricao mineral//index2.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=7&Itemid=26](http://www.ufrb.edu.br/nutricao mineral//index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7&Itemid=26) Acessado em: 27/10/10

SILVA, M. S. **Uso e Avaliação Farmacológica de Plantas Mediciniais Utilizadas na Medicina Popular do Povoado Colônia Treze em Lagarto/SE**. Disponível em: [http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT02/GTMariaSilene.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT02/GTMariaSilene.pdf) Acessado em: 01/07/10

SOUZA, V.C. & LORENZI, H. **Botânica Sistemática. Guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II**. Instituto Plantarum: Nova Odessa. 2005.

TAIZ, L. e ZEIGER, E. **Metabólitos secundários e defesa vegetal**. Fisiologia vegetal. 3 ed. São Paulo: ARTMED, 2004.

VERDI, L. G.; BRIGHENTE, I. M. C. e PIZZOLATTI, M. G Gênero *Baccharis* (ASTERACEAE): aspectos químicos, econômicos e biológicos. **Química Nova** v. 28, n. 1, p. 85-94, 2005.

VIEIRA, F. J. **Uso e diversidade dos recursos vegetais utilizados pela Comunidade Quilombola dos Macacos, São Miguel do Tapuio, Piauí**. 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí. Teresina.

VIERTLER, R. B. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia**. In: Métodos de coleta e análise de dados em

Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas. Anais, Rio Claro, SP. 29/11 a 01/ 12/2001.

World Health Organization - WHO/OMS. Traditional Medicine: Definitions Disponível em:  
<http://www.who.int/medicines/areas/traditional/definitions/en/index.html>.  
Acessado em: 08/08/10.